

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE CINEMA E HISTÓRIA

7 a 9/12/22 USP | ECA/CINUSP | BUTANTÃ | SP



CADERNO DE RESUMOS
E PROGRAMAÇÃO COMPLETA

V COLÓQUIO INTERNACIONAL CINEMA E HISTÓRIA

SÃO PAULO, 7 a 9 de dezembro de 2022

FFLCH-USP/DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – USP

ECA-USP/DEPARTAMENTO DE CINEMA, RÁDIO E TELEVISÃO – USP

CINUSP Paulo Emílio/PRCEU – USP

Organização

Grupo de Pesquisa CNPq “História e Audiovisual – Circularidades e Formas de Comunicação”, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/Departamento de História e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/Departamento de Cinema, Rádio e Televisão.

Apoio financeiro

CAPES/PAEP – Processo 88887682153/2022-60

USP – Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (Edital de Apoio a Eventos Científicos 2022)

FAPESP

Apoio acadêmico

CINUSP Paulo Emílio

ECA – Escola de Comunicações e Artes

Grupo de Pesquisa CNPq “Núcleo de Artes Visuais” (NAVIS)

Linha de Pesquisa “Arte, Memória e Narrativa” (AMENA) do PPGHIS-UFPR

Local

CINUSP Paulo Emilio – Colmeia Favo 4 (sala antiga)

Rua do Anfiteatro 181, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo (SP).

Auditório Lupe Cotrim – ECA/USP, 1º andar, Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo (SP).

APRESENTAÇÃO

O V Colóquio Internacional de Cinema e História tem como finalidade avançar nos debates teóricos e metodológicos iniciados nas quatro edições anteriores do evento. A relação entre cinema e história, apesar de ser uma preocupação presente desde o surgimento do próprio cinema no final do século XIX, tornou-se um tema mais frequente na academia a partir dos anos 1970, com os estudos de Marc Ferro. Este historiador elevou o cinema à categoria de “objeto” da história, iniciando um campo de pesquisa que passou a debater metodologias e formas de análise que concedem aos filmes o status de documento, reconhecendo seu potencial como fonte para o conhecimento historiográfico. Outros autores deram continuidade ao desenvolvimento desse campo, cujas balizas metodológicas seriam ditadas por nomes como Pierre Sorlin, Michèle Lagny, Antoine De Baecque, Christian Delage, Sylvie Lindeperg, Robert Rosenstone, Tom Gunning, entre outros. No Brasil, destaca-se a importância da obra de Ismail Xavier, que prima pela análise estética articulada aos aspectos políticos e culturais propostos pelos objetos com os quais trabalha. Todos esses autores têm em comum a preocupação em considerar a análise fílmica o elemento chave para aceder às questões políticas, sociais e culturais das sociedades, questão norteadora dos Colóquios de Cinema e História. Dando continuidade às discussões nesse campo, a programação do V Colóquio prevê a realização de duas conferências plenárias, com os pesquisadores Julia Kratje (UBA/Conicet) e Catarina Laranjeiro (Universidade Nova de Lisboa), exibição do filme *Um homem sem importância* (Alberto Salvá, 1971) seguida de debate, além de quatro mesas temáticas compostas por convidados: 1) Violência, raça e gênero; 2) Narrativas fundacionais; 3) O cinema e as modernidades; 4) Os arquivos e as perspectivas historiográficas. O eixo norteador é o lugar do cinema e do audiovisual como elemento de representação da crise e da violência e intervenção cultural na história e na sociedade, bem como fonte primária para o historiador e o crítico. Ao longo destas mesas, o evento espera propiciar debates, cotejos, atualizações de ordem metodológicas, além de socializar resultados de pesquisas recentes na área de História e Cinema.

Comissão Organizadora do evento

Danielle Crepaldi Carvalho (USP)
Eduardo Morettin (USP)
Marcos Napolitano (USP) – coordenador
Mariana Martins Villaça (UNIFESP)
Reinaldo Cardenuto (UFF)
Rosane Kaminski (UFPR)

Comissão Científica

Danielle Crepaldi Carvalho (USP)
Eduardo Baggio (UNESPAR)
Eduardo Victorio Morettin (USP)
Fabian Rodrigo Magioli Nunez (UFF)
Ismail Xavier (USP)
Luis Antonio Coelho Ferla (UNIFESP)
Luiz Carlos Sereza (UFPR)
Marcos Francisco Napolitano De Eugenio (USP)
Mariana Martins Villaca (UNIFESP)
Pedro Plaza Pinto (UFPR)
Rafael Tassi Teixeira (UNESPAR)
Reinaldo Cardenuto Filho (UFF)
Rosane Kaminski (UFPR)
Vicente Sanchez Biosca (Univesitat Valencia)

PROGRAMAÇÃO COMPLETA / RESUMOS / LOCAL

7/12 – QUARTA-FEIRA

Link da transmissão: <https://youtu.be/NCT-pVeraTk>

18h00 – Mesa de Abertura

Auditório Lupe Cotrim – ECA-USP, 1º andar, Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo (SP).

18h30 – Conferência de abertura

Tiempo encandilado: María Luisa Bemberg y Helena Solberg

Julia Kratje (UBA/CONICET)

Apresentação e comentários: Reinaldo Cardenuto (UFF)

¿De qué hablamos cuando pronunciamos, casi como un leitmotiv, el sintagma “cine (argentino y brasileño) contemporáneo”? ¿Se trata de señalar un camino trazado por películas y por cineastas que adquieren relieve en una historia hecha de continuidades y de rupturas con respecto a etapas y a movimientos artísticos que anteceden a las obras y que resuenan en sus poéticas? Si lo contemporáneo no es sinónimo de lo nuevo, ni tampoco de lo actual, ¿por qué insistir en los recortes temporales y espaciales que delimitan períodos según décadas o cambios de siglo dando por sentado que el presente puede, lisa y llanamente, cartografiarse? Pocas veces se reconocen contrastes nítidos e inmediatos, por más que la crítica opere delimitando oposiciones. Entonces, indagar “el cine contemporáneo” nos enfrenta a la arbitrariedad de las clasificaciones, pero también al problema de las obras que se escapan de las clasificaciones establecidas. Y que, tal vez por esa suerte de inadecuación o descalce, aventuran otros rumbos. ¿Acaso las películas más audaces no se sustraen a los encasillamientos que la crítica postula incluso cuando pretende apuntalar el mapa inestable del cine contemporáneo? ¿Acaso la crítica no es, por sobre todas las cosas, una práctica de la imaginación que busca agrietar acuerdos preexistentes para expulsar al cine del confort y de su conformismo? Para esta conferencia, propongo ensayar una mirada comparativa en torno al cine argentino y brasileño tomando en consideración perspectivas feministas y estudios de género que habilitan diferentes entradas al cruce entre teoría, crítica, estética y política.

8/12 – QUINTA-FEIRA

Link da transmissão: https://youtu.be/HFfQz0ly_tg

10h00-12h00 – Mesa 1: Violência, raça e gênero

Auditório Lupe Cotrim – ECA-USP, 1º andar, Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, Butantã, SP.

Mediação e comentários: Mariana Martins Villaça (UNIFESP)

Renata Melo Barbosa Nascimento (UnB)

Alexsandro de Sousa e Silva (UEMG)

Izabel de Fátima Cruz Melo (UNEB)

Racismo, Sexismo e Interseccionalidades: da Literatura de Jorge Amado ao Cinema de Nelson Pereira dos Santos (1977-1987)

Renata Melo Barbosa Nascimento (UnB)

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os estudos das representações cinematográficas de mulheres negras difundidas nos filmes *Tenda dos Milagres* (1977) e *Jubiabá* (1987), baseados nas obras literárias de Jorge Amado e produzidos pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos. A partir de uma abordagem discursiva das representações – sob o aporte teórico dos estudos feministas, com ênfase nas vertentes dos feminismos negros, decoloniais e interseccionais –, busca-se investigar condições de produção, sentidos, significados, valores, crenças, imaginários, práticas sociais e modos de subjetivação que informam as imagens das mulheres negras difundidas nesses filmes. Atentando para o caráter histórico e cultural das representações, com a finalidade de desnaturalizá-las, a partir das análises fílmicas das representações de mulheres negras, bem como de outros personagens que aparecem nas respectivas tramas, este trabalho faz um exercício de historicização do racismo/sexismo em curso na cultura brasileira. Nessa análise, coloca-se em evidência o funcionamento da lógica dicotômica que opõe natureza/cultura, sexo/gênero, humano/não-humano e que conforma o “sistema moderno colonial de gênero”. Nessa lógica, as mulheres negras são vistas como fêmeas e animais que possuem um sexo, mas não um gênero. Por isso mesmo, as características de feminilidade branca (casamento, maternidade, família e amor romântico, por exemplo) são negadas às personagens negras que atuam nos filmes em questão. O exercício de historicização das representações cinematográficas se abre, portanto, para a compreensão de que as imagens de mulheres negras são constituídas nas várias interseccionalidades do gênero com a raça, a classe, a profissão, a geração, a região, a religiosidade, a sexualidade e outros marcadores de diferenças sociais.

O racismo como pauta historiográfica em *1912, Vocês para um silêncio*, de Gloria Rolando (2010-2013)

Alexsandro Silva (UEMG)

Em Cuba, no centenário da repressão do governo republicano contra membros do *Partido Independiente de Color* (PIC), ocorrida em meados de 1912, a cineasta Gloria Rolando dirigiu uma série de documentários em três episódios intitulada *1912, Vocês para um silêncio*. Lançados nos anos 2010, 2011 e 2013, os capítulos constroem um panorama em longa duração das opressões vividas por pessoas negras na ilha, desde a escravidão até, em breve alusão, o período revolucionário, além de destacar o protagonismo de ex-combatentes da independência na criação do mencionado partido. Na tela, diversas reportagens, manchetes, charges, fotografias, documentos oficiais, livros e canções compõem o vasto acervo consultado, o qual embasa as reflexões realizadas. E dentre as pessoas entrevistadas, com o destaque a jovens *rappers*, predominam historiadores e historiadoras, em um esforço de se conferir legitimidade acadêmica ao tema do racismo cubano. Para a apresentação, temos como objetivo observar como se dá a construção da pauta historiográfica do racismo cubano por meio do documentário. A hipótese a ser discutida é a de que a série faz parte de um movimento que denuncia a discriminação racial em Cuba, cuidando para não acusar diretamente o próprio governo

nacional. A ideia de “memória subterrânea”, segundo Michael Pollak (1989), subjaz a análise estética e política da obra, a qual faz do binômio memória/esquecimento a principal problemática dos discursos mobilizados na série e nas ruas.

Caminhos de chegar: a Jornada de Cinema da Bahia e os cinemas negros e africanos

Izabel de Fátima Cruz Melo (UNEB)

Considerando os festivais e as mostras de cinema e audiovisual como espaços de centralidade da circulação de cinemas não hegemônicos, retornamos às Jornadas de Cinema da Bahia, desta vez em busca dos cinemas negros e africanos na sua programação nas décadas de 1980 e 1990. Desde fins da década de 1970, notávamos na documentação tanto as primeiras participações de cineastas negros brasileiros, tais como Zózimo Bulbul e Agnaldo “Siri” Azevedo, quanto um estreitamento nas relações de cooperação e parceria entre a Jornada, cineastas e instituições de diversos países africanos, sobretudo Guiné Bissau, Moçambique e Angola, em um esforço de difusão de novas imagens e perspectivas que emergem a partir das lutas de independência e contrastam fortemente com o cinema colonial. Nesta perspectiva, nosso interesse é compreender como o festival recebeu estes filmes e os debates a eles relacionados em um contexto de transformação do cenário político e cultural no Brasil, com o fortalecimento dos movimentos negros e além dos estertores finais da ditadura, em Salvador, uma das cidades de maior expressão das populações negras do Brasil.

14h00-16h00 – Mesa 2: Narrativas fundacionais

***Auditório Lupe Cotrim* – ECA-USP, 1º andar, Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, Butantã, SP.**

Mediação e comentários: Daniela Giovana Siqueira (UFMS)

Álvaro Vázquez Mantecón (UAM)

Fernando Seliprandy (USP)

Arthur Lira do Nascimento (UNIBRA/UNIFIP)

La historia en el debate mediático: representaciones de la Conquista en el cine mexicano

Álvaro Vázquez Mantecón (UAM)

En esta ponencia presentaré un análisis diacrónico sobre cómo se construyó la memoria histórica sobre la conquista del siglo XVI en las películas de ficción producidas en México a lo largo del siglo XX y en lo que llevamos del XXI. Este trabajo parte de la premisa de que la historia relatada desde los medios ha jugado un papel decisivo en la memoria colectiva de la sociedad mexicana, por encima de la historia académica o la que se enseña en las aulas. Es por ello que precisa ser analizada profundamente desde una perspectiva historiográfica que pueda estar atenta a la circulación de ideas sobre el pasado en la sociedad y de la manera en que se convierten en imágenes capaces de condensar una memoria colectiva, que se establece a partir de preocupaciones específicas del presente. No son más de una veintena de películas las que desde *Tepeyac* (1917) de José Manuel Ramos trataron el tema de la conquista a lo largo de un poco más de cien años. Es curioso que se hayan realizado tan pocos filmes sobre un tema

histórico tan importante para la sociedad mexicana, sobre todo si se le compara con la atención que el cine tuvo sobre otros periodos de la vida del país, como el porfiriato o la revolución mexicana. Sin embargo, constituyen una fuente invaluable para constatar el tránsito de ideas e imágenes sobre el pasado que ocurre en los medios. Otra de las premisas del presente trabajo es observar la intermedialidad y la remedialidad que ocurre en vinculación con la literatura o la pintura primero y el radio y la televisión después. La posibilidad de analizar películas producidas en un marco temporal tan amplio permitirá destacar las transformaciones de los imaginarios sobre el pasado en un tema que (como el de la conquista) ha sido clave para la explicación de la identidad de México.

Audiovisual nos 150 anos da independência do Brasil (1972): discurso oficial e dissonâncias Fernando Seliprandy (USP)

Em 1972, a ditadura comemorou o sesquicentenário (150 anos) da Independência do Brasil. O audiovisual foi um elemento importante naquele ano de celebrações, em distintos formatos além dos dramas históricos de longa-metragem (cinejornais; documentários educativos; “filmetes”; telejornalismo). O foco desta apresentação é um caso significativo das tensas acomodações entre cineastas e Estado autoritário no início dos anos 1970. Trata-se do curta-metragem *Jornalismo e independência* (Nelson Pereira dos Santos, 1972), produzido pelo Instituto Nacional do Cinema (INC) em convênio com a Universidade Federal Fluminense (UFF). Autodenominado “filme pesquisa”, a obra propõe um experimento em chave estilística reflexiva: um grupo de estudantes lê e discute textos de jornais da época da independência, junto com inserções de gravuras e retratos do mesmo período. Nelson Pereira dos Santos encontra, assim, uma brecha para abordar o sensível tema da liberdade de imprensa em pleno governo Médici, embora alegadamente “comemorando” a conjuntura de 1822. É fato que o ideário cívico-patriótico laudatório predominou nos festejos, mas seria um erro reduzir os enunciados audiovisuais do sesquicentenário ao esquematismo de uma propaganda oficial unívoca. Em uma fase de rearranjo das políticas culturais do regime, as narrativas fundacionais elaboradas em 1972 traziam a marca da complexidade das relações entre ditadura, sociedade e mercado de bens simbólicos.

Narrativas sociológicas de um Nordeste: o cinema documental do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

Arthur Lira do Nascimento (UNIBRA/UNIFIP)

Esta comunicação analisa a relação entre o cinema documental e o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), no modo como emergiu, dentro das ciências sociais e da cinematografia brasileira, um conjunto de imagens sobre o Nordeste. O IJNPS foi um órgão federal criado por iniciativa do sociólogo Gilberto Freyre, em 1949, e sediado no Recife. A instituição assumiu um importante papel no apoio e no financiamento às produções cinematográficas que convergiam com a proposta da pesquisa social produzida pela casa. Tornou-se um espaço de circulação e debates entre cientistas e cinegrafistas. Através dessas relações, constroem-se narrativas sobre o Nordeste que evidenciaram as transformações políticas, econômicas e culturais no país. Objetos de nossa análise, filmes como *Aruanda* (Linduarte Noronha, 1960), *A cabra na região semiárida* (Rucker Vieira, 1966) e *Cultura*

Marginal Brasileira (Fernando Monteiro, 1975) tornam-se indícios para o estudo da produção de documentários nessas décadas, verificando as permanências e ressignificações de um discurso institucionalizado sobre a região. Investigamos, assim, como os filmes dialogam com a pesquisa social do período, a importância do apoio institucional para a subsistência do gênero e seus significados para a relação História e Cinema.

16h00-18h00 – Exibição de filme, seguido de debate (CINUSP)

CINUSP Paulo Emilio – Colmeia Favo 4 – Rua do Anfiteatro, 181, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo (SP).

Um homem sem importância (1971, 71 minutos), Direção, argumento, roteiro e montagem: Alberto Salvá.

Debatedor: Reinaldo Cardenuto (UFF)

18h00 – Lançamento de livros

CINUSP Paulo Emilio/Colmeia Favo 4 – Rua do Anfiteatro, 181, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo (SP).

- **Alexsandro de Sousa e Silva.** *A câmera e o canhão: cinema, revolução e guerra em Cuba e países africanos.* Passo Fundo: Acervus Editora, 2022.
- **Arthur Gustavo Lira do Nascimento.** *O Estado sob as lentes: A cinematografia em Pernambuco durante o Estado Novo (1937-1945).* Jundiaí: Paco Editorial, 2022.
- **Catarina Laranjeiro.** *Dos sonhos e das imagens: a guerra de libertação na Guiné-Bissau.* Lisboa: Outro Modo; Le Monde Diplomatique, 2021.
- **Izabel de Fátima Cruz Melo.** *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos: novas sociabilidades e ambiência na Bahia (1968-1978).* Salvador: EUNEB, 2022.
- **Reinaldo Cardenuto.** *Por um cinema popular: Leon Hirszman, política e resistência.* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.
- **Rosane Kaminski e Marcos Napolitano (Orgs.).** *Monumentos, memória e violência.* São Paulo: Letra & Voz, 2022.
- **Rosane Kaminski e Pedro Plaza Pinto (Orgs.).** *Cinema e pensamento.* São Paulo: Intermeios, 2021.
- **Rosane Kaminski.** *Poética da angústia: cinema e história em Sylvio Back.* São Paulo: Intermeios, 2021.
- **Thais Blank e Sofia Sampaio.** *A propósito dos outros filmes: encontro com o arquivo de imagens em movimento.* Rio de Janeiro: Editora FGV; FAPERJ, 2022.

9/12 – SEXTA-FEIRA

Link da transmissão: <https://youtu.be/84j4VBnu4-k>

9h30-11h30 – Mesa 3: O cinema e as modernidades

Auditório Lupe Cotrim – ECA-USP, 1º andar, Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, Butantã, SP.

Mediação e comentários: Pedro Plaza Pinto (UFPR)

Rosane Kaminski (UFPR)

Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (UFRN)

Lúcia Ramos Monteiro (UFF)

Revisitando modernismos no cinema brasileiro

Rosane Kaminski (UFPR)

Na historiografia do cinema brasileiro, as balizas para se definir o que seria um “cinema moderno”, em oposição ao cinema industrial e de estúdio, configuram-se discursivamente a partir dos anos 1960. Textos canônicos assinados por Glauber Rocha (1963), Alex Viary (1968) e Paulo Emílio Sales Gomes (1973) organizam, cada um a seu modo, uma espécie de “linha evolutiva” para o cinema brasileiro. Essa linha não deixou de ser reiterada por Ismail Xavier em seu *O cinema brasileiro moderno*, apresentado no Festival do Cinema Jovem de Turim, em 1995, e atualizado para a publicação na revista *Archivos de la Filmoteca*, em 2000. Ali, ao explorar a noção de “moderno”, Xavier privilegia o processo que envolveu o cinema novo e o cinema marginal entre o final da década de 1950 e meados dos anos 70, período considerado por ele como o “mais denso do cinema brasileiro”. Depois disso, o cinema moderno teria perdido densidade “no que toca à originalidade de estilo” e, nos anos 1990, teria abandonado a sua “dimensão utópica”. Em 2014, Paulo Antônio Paranaguá publicou *A invenção do cinema brasileiro: modernismo em três tempos*, no qual propõe uma volta no tempo e organiza a discussão sobre modernismo e cinema em etapas, dos anos 1920 aos 70, reiterando uma noção de sequencialidade. Ao apontar para o passado, buscando os seus antecedentes e delineando os traços que diferenciam o “moderno” de um cinema plenamente industrial e de entretenimento, todas essas narrativas afirmam que a produção independente dos anos 1950 e, em seguida, a eclosão do cinema novo, constituem um importante “momento de ruptura” na história do cinema brasileiro. Os vocábulos “ruptura”, “novo”, “invenção” e “movimento” são usualmente associados ao conceito de moderno. No entanto, há uma contradição entre as vontades totalizadoras, expressas em linhas evolutivas e filiações, e as efetivas rupturas com o passado e o desejo do “novo”. Aderindo à concepção de ruptura e de inventividade estética como possíveis traços definidores do moderno, o ponto que pretendo problematizar nesta comunicação é justamente a contradição entre essa concepção e as vontades totalizadoras. O objetivo é sugerir o alargamento (ou a renúncia) de arcos temporais já solidificados nas narrativas canônicas sobre a história do cinema brasileiro, valorizando os aspectos de “rupturas” e de invenções, ainda que singelas, paralelas (ou não) no tempo e ainda pouco discutidas, apontando para outros modernismos possíveis e outros alcances temporais nesse debate.

A revista de cinema e a arte moderna: a imprensa cinematográfica italiana entre 1937 e 1955
Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (UFRN)

A relação fotografia, cinema e imprensa está na base da constituição das práticas visuais modernas, da própria ideia de modernidade e da arte moderna. Parte da definição do cinema como arte moderna foi desenvolvida por meio de discursos e práticas visuais na imprensa cinematográfica dos anos 1930 em diante. Esta apresentação visa mostrar a dialética entre filme, fotografia e práticas modernistas nas revistas de cinema italianas entre 1937 e 1955, em especial *Cinema e Cinema Nuovo*, evidenciando como a modernidade e o modernismo fílmicos foram articulados como experiência dos espectadores/leitores.

Como o cinema vê as modernidades em declínio? Fordlândia e os cinemas amazônicos
Lúcia Ramos Monteiro (UFF)

Entre 2018 e 2019, o Suspended Spaces, coletivo de artistas e pesquisadores com sede na França e colaboradores em diferentes países, realizou residências artísticas em Fordlândia, no Pará. A partir da cidade planejada pelo estadunidense Henry Ford na Amazônia brasileira, o grupo propõe-se a pensar as ruínas do modernismo e as contradições do projeto moderno, numa reflexão que passa evidentemente pelas heranças coloniais e pelos fluxos entre agentes locais e exploradores estrangeiros. Como se sabe, Fordlândia começa a ser construída em 1928, com a intenção de racionalizar o cultivo da seringueira e o processamento de borracha em meio à expansão da indústria automobilística – mas o projeto rapidamente se torna anacrônico e, antes mesmo de a produção atingir sua capacidade máxima, é alvo de boicote por parte dos trabalhadores. Nos últimos anos, venho desenvolvendo pesquisas sobre os Cinemas Amazônicos e tenho mantido uma profícua colaboração com o Suspended Spaces. Fruto desse trabalho, minha comunicação se debruça sobre algumas das obras produzidas durante a residência em Fordlândia – como o filme *Fordlandia Malaise* (2019), de Susana de Sousa Dias, que combina imagens de arquivo e material filmado pela cineasta. Procuro, ao mesmo tempo, estabelecer relações com títulos dos chamados “Cinemas Amazônicos”, categoria problemática, erguida entre memória e esquecimento, inscrição e apagamento, que interpela o conceito de “cinema nacional”, em suas tensões permanentes com o olhar estrangeiro.

15h00-17h00 – Mesa 4: Arquivos e perspectivas historiográficas

Auditório Lupe Cotrim – ECA-USP, 1º andar, Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, Butantã, SP.

Mediação e comentários: Danielle Crepaldi Carvalho (USP)

Carolina Amaral de Aguiar (UEL)

Thais Blank (FGV-RJ)

Felipe da Silva Polydoro (UnB)

Arquivos cinematográficos e redes transatlânticas contra a ditadura brasileira

Carolina Amaral de Aguiar (UEL)

Esta comunicação pretende mapear a circulação de imagens produzidas originalmente para o Noticiário ICAIC Latinoamericano sobre a ditadura brasileira pelas redes militantes que conectavam América Latina e Europa no final dos anos 1960. As edições n. 492 e n. 469 (ambas de 1969) do informativo cubano coordenado por Santiago Álvarez traziam, além de imagens recebidas do interior da repressão no Brasil, entrevistas com exilados brasileiros que haviam chegado a Cuba em 1969. Essas mesmas sequências filmadas na ilha estão presentes em produções europeias contemporâneas: *On vous parle du Brésil: tortures* (1969) e *On vous parle du Brésil: Carlos Marighela* (1970), do cineasta francês Chris Marker; e *Brasile tortura* (1970), documentário realizado pelo Comitê Europa-América Latina do Partido Comunista Italiano (PCI). A partir da análise da presença dessas sequências cubanas nos filmes europeus, bem como dos diferentes sentidos narrativos que elas adquirem em cada uma dessas produções, pretende-se: 1) entender como o testemunho filmado se constituiu como um importante mecanismo de denúncia e formação de redes de solidariedade internacionais; 2) identificar a migração de arquivos audiovisuais pelas redes cinematográficas militantes de final dos anos 1960.

No caminho das imagens: arquivo, cinema e sobrevivência

Thais Blank (FGV)

Esta comunicação é fruto do projeto de pesquisa “Entre o político e o íntimo: o cinema doméstico sob a ditadura brasileira”, que se propõe a mapear e analisar filmes amadores realizados no período ditatorial. O mapeamento realizado pelo projeto nos levou ao registro amador da militante Inês Ettiënne Romeu. Capturada em 1971 e condenada à prisão perpétua, Inês permaneceu na prisão até 1979. O filme amador que inaugura essa pesquisa foi realizado no dia em que Inês saiu do presídio Esmeraldino Bandeira para se casar com Jarbas Vasconcellos, condenado a sete anos de cadeia. Após 13 anos sem se ver, o casal trocou alianças em uma rápida cerimônia acompanhada pela polícia, voltando em seguida para o camburão. Jarbas permaneceria preso por mais dois anos e Inês por quatro. O casamento foi filmado por um cinegrafista amigo da família de Inês, no entanto, o registro permaneceu guardado por décadas, vindo a público apenas em 2017. A metodologia empregada na pesquisa propõe a reconstrução do contexto de produção do filme amador e o mapeamento da sua trajetória no tempo e no espaço. Atrás de pistas que nos permitam lançar um olhar renovado sobre as imagens, buscamos percorrer arquivos, encontrar personagens e recuperar documentos que habitam a órbita das imagens. Nesse caminho, a pesquisa é desafiada pelo acaso, o que por muitas vezes nos faz traçar rumos inesperados. Nessa comunicação apresentaremos o percurso metodológico da pesquisa e as imagens que atravessaram esse caminho. O encontro com essas imagens nos levou a uma nova compreensão da trajetória de Inês e do próprio cinema amador como espaço de sobrevivência e resistência política.

Imagens na luta contra a violência policial: estudos comparativos (1997-2018)

Felipe Polydoro (UnB)

O objetivo desta comunicação é sintetizar alguns resultados de pesquisas que conduzimos em anos recentes, voltadas à análise de vídeos de violência policial em cidades brasileiras. Em suma, investigamos o papel de novas tecnologias de registro e distribuição de imagens na construção de narrativas sobre brutalidade repressiva contra a população civil, aqui com foco em abordagens em defesa dos direitos humanos. Partimos sempre de casos concretos para articular transformações no regime visual com elementos da realidade social e histórica, sobretudo a persistência de necropolíticas de cunho racista e classista protagonizadas por forças de segurança do Estado brasileiro. O enfoque desta comunicação será comparativo. Vamos evidenciar continuidades e rupturas entre episódios flagrados por câmeras nos anos de 1990 e outros mais recentes, desde 2015. No escândalo da Favela Naval (1997), vídeos em VHS de um cinegrafista amador apropriados por grandes redes de TV detonaram um debate público raro sobre as raízes da violência policial, sem, no entanto, legar resultados efetivos no longo prazo. Quanto às análises focadas na atualidade – marcada pela pulverização de câmeras e pela multiplicação de imagens de violência de todos os tipos –, tomaremos como objeto dois documentários brasileiros recentes. Em *Auto de resistência* (Natasha Neri e Lula Carvalho, 2018), a ênfase é na incorporação de vídeos de celular como provas de abusos policiais. Em *America armada* (Alice Lanari e Pedro Asbeg, 2018), observamos a construção narrativa sobre ativistas que usam o celular para confrontar a polícia em favelas do Rio de Janeiro.

18h00 – 19h30

Conferência de Encerramento

Arriscando Bissauwood: outras leituras sobre a história contemporânea da Guiné-Bissau

Catarina Laranjeiro (UNL)

Apresentação e comentários: Alexsandro de Sousa e Silva

Auditório Lupe Cotrim – ECA-USP, 1º andar, Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, Butantã, SP.

A produção cinematográfica vernacular na Guiné-Bissau, viral entre os seus habitantes, está a crescer exponencialmente. Narrando situações informais, estas obras são amplamente exibidas em sessões informais de cinema ou compartilhadas em canais de Internet, alcançando milhares de espectadores dentro do país e diásporas guineenses na Europa. Estes filmes e audiovisuais constituem fontes valiosas para estudar as percepções populares sobre a história contemporânea da Guiné-Bissau. Esta apresentação revisitará a história política da Guiné-Bissau para analisar como essa produção cinematográfica vernacular está a propor transformações sociais capazes de reagir à instabilidade social e política, um campo que carece de problematização e pesquisa. Além de identificar padrões comuns nessas narrativas fílmicas, esta apresentação procurará contextualizá-las, propondo uma leitura crítica e atenta que revele as suas próprias omissões. Mais do que o impacto destes filmes, esta análise incidirá sobre os padrões representativos ao longo de múltiplas obras, cruciais para a compreensão das transformações sociais e políticas na história contemporânea da Guiné-Bissau.

MINI-BIO DOS PALESTRANTES E CONFERENCISTAS

Convidados internacionais

ÁLVARO VÁZQUEZ MANTECÓN

Doutor em História da Arte pela Universidad Autónoma del Estado de Morelos. É autor de *Orígenes literarios de un arquetipo fílmico: adaptaciones cinematográficas a Santa de Federico Gamboa* (2005), *Memorial del 68* (2007), *El cine súper 8 en México, 1970-1989* (2012), entre outras publicações. É professor da Universidad Autónoma Metropolitana Azcapotzalco (México), onde coordena o Posgrado en Historiografía.

CATARINA LARANJEIRO

Doutora em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e Mestre em Antropologia Visual e dos Media pela Freie Universität Berlin. Autora do livro *Dos sonhos e das imagens. A guerra de libertação na Guiné-Bissau* (2021), entre outros trabalhos. Investigadora do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

JULIA KRATJE

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Autora de *Al margen del tiempo. Deseos, ritmos y atmósferas en el cine argentino* (2019), co-autora de *El asombro y la audacia. El cine de María Luisa Bemberg* (2020) e organizadora de *Espejos oblicuos. Cinco miradas sobre feminismo y cine contemporáneo* (2020). Professora de Comunicação na Universidade Nacional de Entre Rios e pesquisadora na Universidade de Buenos Aires, com apoio do CONICET.

Convidados nacionais

ALEXSANDRO DE SOUSA E SILVA

Doutor (2020) e Mestre (2015) em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor de Educação Superior na Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Passos. Autor dos livros *A câmera e o canhão: cinema, revolução e guerra em Cuba e países africanos* (Acervus Editora, 2022) e *Cinema, política e exílio: o caso Miguel Littín* (CLAEC, 2021).

ARTHUR GUSTAVO LIRA DO NASCIMENTO

Doutor (2021) e Mestre (2015) em História pela Universidade Federal de Pernambuco. É autor do livro *O Estado sob as lentes: A cinematografia em Pernambuco durante o Estado Novo (1937-1945)*, Paco Editorial, 2022. Integra o Núcleo de Estudos de Cultura: Instituições, Agentes, Processos (PPGH/UFPE).

CAROLINA AMARAL DE AGUIAR

Doutora em História Social pela FFLCH-USP (2013) e Mestre em Estética e História da Arte pelo PGEHA-USP (2007). Realizou pós-doutorado em Cinema na ECA-USP e em História na

UNICAMP. É professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina. É autora de *O cinema latino-americano de Chris Marker* (Alameda, 2015), entre outros trabalhos.

DANIELA GIOVANA SIQUEIRA

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais na ECA-USP, tendo desenvolvido a pesquisa: "Cineastas mineiros em trânsito (1968-1970): política, cultura e memória", com bolsa sanduíche na Universitat de València, sob orientação do Prof. Dr. Vicente Sánchez-Biosca (2019). Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), nos cursos de Audiovisual e Jornalismo.

DANIELLE CREPALDI CARVALHO

Doutora (2014) e Mestre (2009) em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas. É pós-doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP (2018) onde realizou a pesquisa "Com a voz, o cinema silencioso: som, cinema e circulação cultural no Brasil". Desenvolveu, junto à Fundação Biblioteca Nacional (2021), a pesquisa "O teatro da modernidade: o papel das artes na Exposição do Centenário da Independência (1922-3)".

FELIPE DA SILVA POLYDORO

Doutor pela Escola de Comunicações e Artes da USP, onde desenvolveu a pesquisa "Vídeos amadores de acontecimentos: realismo, evidência e política na cultura visual contemporânea" (2016) e Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2010). Foi professor visitante no Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH-USP, onde desenvolveu pós-doutorado. Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB).

FERNANDO SELIPRANDY FERNANDES

Doutor (2018) e Mestre (2012) em História Social pela Universidade de São Paulo. Foi professor substituto no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (2019 e 2020) e pesquisador bolsista da Fundação Biblioteca Nacional (2021). Autor do livro *A luta armada no cinema: ficção, documentário, memória* (Intermeios, 2015). Atualmente, realiza Pós-Doutorado junto ao CTR/ECA, com bolsa FAPESP.

FRANCISCO DAS CHAGAS FERNANDES SANTIAGO JUNIOR-

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2009) e Mestre em Mídias pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Pós-doutor pela Università di Bologna (2018). Professor do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Profhistoria na Universidade Federal do Rio Grande Norte.

IZABEL DE FÁTIMA CRUZ MELO

Doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA/USP (2018) e Mestre em História Social do Brasil na Universidade Federal da Bahia (2009). Professora do Departamento de Ciências Humanas e do PPGH da Universidade do Estado da Bahia. É autora de *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos: novas sociabilidades e ambiência na Bahia (1968-1978)*, EUNEB, 2022, entre outros trabalhos.

LUCIA RAMOS MONTEIRO

Doutora em Estudos cinematográficos e audiovisuais pela Université Sorbonne Nouvelle e em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2014). Realizou pós-doutorado na ECA-USP e na Universidade Grenoble Alpes. Co-organizou o livro *Cinema: estética, política e dimensões da memória* (Sulina, 2019), entre outras publicações. É professora do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense.

MARIANA MARTINS VILLAÇA

Doutora (2006) e Mestre (2000) em História pela Universidade de São Paulo, onde realizou pós-doutorado (2009). Autora do livro *Cinema cubano: revolução e política cultural* (Alameda, 2010), entre outros trabalhos. É professora do Departamento de História e do PPGH da Universidade Federal de São Paulo, onde coordena o Laboratório de Pesquisas de História das Américas.

PEDRO PLAZA PINTO

Doutor em Ciências da Comunicação pela USP (2008) e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (2003). Pós-doutor pelo Centro de Estudos interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra. Atua como colaborador no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do vídeo da Unespar e é professor do Departamento de História e do PPGH da Universidade Federal do Paraná.

REINALDO CARDENUTO

Doutor em Meios e Processos Audiovisuais (2014) e Mestre em Ciências da Comunicação (2008) pela ECA-USP. É autor do livro *Por um cinema popular: Leon Hirszman, política e resistência* (Ateliê Editorial, 2020), entre outros trabalhos. Foi professor da Fundação Armando Alvares Penteado (2007 a 2018) e docente temporário na ECA-USP (2017-2018). É professor do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense.

RENATA MELO BARBOSA NASCIMENTO

Doutora (2021) e Mestre (2014) em História pela Universidade de Brasília. Autora de *Mulheres negras em Rio, 40 Graus: Representações de Nelson Pereira dos Santos*. (Appris, 2020), entre outros trabalhos. Professora da disciplina Cultura, Poder e Relações Raciais no Centro de Estudos Avançado Multidisciplinares da Universidade de Brasília e professora substituta da Faculdade de Educação da mesma instituição.

ROSANE KAMINSKI

Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (2008) e Mestre pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2003). É Pós-Doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP (2017). Autora do livro *Poética da angústia: história e ficção em Sylvio Back* (Intermeios, 2021), entre outras publicações. Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-2 do CNPq. É professora do Departamento de História e do PPGH da Universidade Federal do Paraná e colaboradora no PPG-CINEAV - Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo da Unespar.

THAÍS CONTINENTINO BLANK

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Histoire Culturelle et Sociale de L'Art pela Universidade de Sorbonne (2015). Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ (2010). É autora do livro *Cinema doméstico brasileiro, 1920-1965* (Appris, 2020). É coordenadora da Documentação dos arquivos privados da FGV-CPDOC e do Laboratório de Estudos da Cultura Visual na mesma instituição.

história
e audiovisual

eca
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

fflch

cinusp

PRP USP
PRO-REITORIA DE PESQUISA

USP

PPGHIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado

amena
arte, memória e narrativa

NAVIS
NÚCLEO DE ARTES VISUAIS

UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAPES

FAPESP
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE SÃO PAULO